

TRABALHOS DE PESQUISA

USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIS ORAIS E A FUNÇÃO SEXUAL DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM

Thais Lisboa Fernandes Bolsoni¹, Vitória Dinardi Albarelo², Nayara Gonçalves Barbosa³, Flavia Azevedo Gomes-Sponholz⁴,
Thais de Oliveira Gozzo⁴

USE OF ORAL HORMONAL CONTRACEPTIVES AND THE SEXUAL FUNCTION OF NURSING STUDENTS

USO DE ANTICONCEPTIVOS HORMONALES ORALES Y LA FUNCIÓN SEXUAL DE ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA

Resumo: Objetivo: identificar a ocorrência de disfunção sexual entre graduandas de enfermagem em uso de contraceptivos hormonais orais. Métodos: Estudo descritivo, exploratório, de corte transversal, com 61 alunas de graduação em Enfermagem. Foi aplicado um formulário com dados sociodemográficos e o questionário Quociente sexual-versão feminina. Os dados foram digitados em planilha do Excel e foram realizadas análise descritiva e comparativa entre as variáveis. Resultados: A ocorrência de disfunção sexual não foi significativa, no entanto, 47,9% das participantes apresentaram desempenho sexual de regular a bom. As questões que apresentaram baixas pontuações foram acerca do desejo e interesse sexual, conforto, orgasmo e satisfação. Concluiu-se que 65,6% das participantes caracterizavam-se como aptas ao rastreamento de disfunção sexual feminina, o que pode estar relacionada ao uso de anticoncepcionais orais. Conclusões: É importante que essas mulheres percebam o desempenho sexual e reconheçam o quanto esse tem sido satisfatório ou se o consideram passível de investigação.

Palavras-Chave: Adulto Jovem; Saúde da mulher; Anticoncepcionais; Sexualidade.

Abstract: Objective: To identify the occurrence of sexual dysfunction among female nursing students using oral hormonal contraceptives. Methods: Descriptive, exploratory, cross-sectional study involving 61 undergraduate Nursing students. A form with sociodemographic data and the Female Sexual Quotient questionnaire were applied. Data were entered into an Excel spreadsheet, and descriptive and comparative analysis between variables were performed. Results: The occurrence of sexual dysfunction was not significant; however, 47.9% of the participants reported a sexual performance ranging from regular to good. The questions with low scores were related to sexual desire and interest, comfort, orgasm, and satisfaction. It was concluded that 65.6% of the participants were characterized as suitable for screening for female sexual dysfunction, which may be related to the use of oral contraceptives. Conclusions: It is important for these women to perceive their sexual performance and recognize how satisfactory it has been or if they consider it subject to investigation.

Keywords: Young Adult; Women's Health; Contraceptives; Sexuality.

Resumen: Objetivo: Identificar la ocurrencia de disfunción sexual entre las estudiantes de enfermería que utilizan anticonceptivos hormonales orales. Métodos: Estudio descriptivo, exploratorio y transversal que involucró a 61 alumnas de pregrado en Enfermería. Se aplicó un formulario con datos sociodemográficos y el cuestionario Quociente Sexual femenino. Los datos se ingresaron en una hoja de cálculo de Excel y se realizaron análisis descriptivos y comparativos entre variables. Resultados: La ocurrencia de disfunción sexual no fue significativa; sin embargo, el 47,9% de las participantes informaron un desempeño sexual de regular a bueno. Las preguntas que obtuvieron puntuaciones bajas estaban relacionadas con el deseo e interés sexual, la comodidad, el orgasmo y la satisfacción. Se concluyó que el 65,6% de las



¹Enfermeira. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil. thaislisboa@usp.br

²Psicóloga. Mestranda do Programa de Pós-graduação Enfermagem Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil. vitdinardi@gmail.com

³Doutorado. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem, da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil. nagbarbosa@gmail.com

⁴Doutorado. Professora Associada do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, Brasil. flagomes@usp.br; thaisog@erp.usp.br

participantes se caracterizaban como aptas para el cribado de disfunción sexual femenina, lo que podría estar relacionado con el uso de anticonceptivos orales. Conclusiones: Es importante que estas mujeres perciban su desempeño sexual y reconozcan en qué medida ha sido satisfactorio o si lo consideran sujeto de investigación.

Palabras clave: Adulto Joven; Salud de la Mujer; Anticonceptivos; Sexualidad.

Introdução

O termo sexualidade abrange um conceito amplo e não se restringe aos aspectos biológicos, como o funcionamento dos órgãos genitais, incluindo, também, características da condição humana. A sexualidade é um componente próprio de cada indivíduo, que envolve a integralidade das qualidades humanas, em suas perspectivas físicas e psicológicas, responsáveis por manter seu equilíbrio ao longo do ciclo vital (Rosenbaum; Sabbag, 2020). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade apresenta repercussões na saúde física e mental do ser humano, pois está presente em seus sentimentos, pensamentos, interações e ações (OMS, 2020). Sabe-se que a sexualidade é dinâmica e sofre alterações, de acordo com o grupo social vigente no espaço-tempo a ser analisado, sendo que muitas temáticas proibidas ou recriminadas em épocas anteriores são hoje tratadas com naturalidade (Tozo *et al.*, 2018).

A utilização de métodos contraceptivos pelas mulheres teve grande impacto no empoderamento feminino, sendo uma alternativa para aumentar sua independência e constituir seu próprio planejamento reprodutivo. Além disso, proporcionou nova perspectiva com relação ao ato sexual feminino, de modo que não se limitasse apenas à reprodução, mas que também levasse em consideração o prazer físico e emocional das mulheres (Both *et al.*, 2019).

Em estudo brasileiro cujo objetivo era observar a prevalência do uso de métodos contraceptivos, identificou-se que mais de 80%, das 17 mil participantes, faziam o uso de algum método, sendo de 34,2% a prevalência do uso de contraceptivos hormonais orais (Trindade *et al.*, 2021).

Apesar da popularidade dos contraceptivos hormonais, seus efeitos na função sexual ainda são controversos e complexos (Both *et al.*, 2019), podendo associar-se com desfechos na função sexual feminina e mudanças na percepção da imagem corporal (Nowosielski, 2022). Um estudo realizado em Katowice-Polônia com 495 mulheres de 18 a 45 anos, das quais 237 faziam uso de contraceptivos hormonais orais combinados, demonstrou que essas mulheres apresentaram maior prevalência de problemas e disfunções sexuais em relação ao grupo controle (Nowosielski, 2022). Em consonância está outro estudo com 566 mulheres jovens, das quais 41,5% faziam uso de algum método contraceptivo hormonal, e a prevalência de disfunção sexual entre aquelas que usavam método hormonal e não hormonal foi de 51,5% e 29,6%, respectivamente (Butt *et al.*, 2019).

A disfunção sexual feminina é uma questão de saúde global (Butt *et al.*, 2019), que pode ser causada pelo comprometimento de uma ou mais fases do ciclo de resposta sexual, seja no desejo, excitação e/ou orgasmo, afetando a capacidade da pessoa de experimentar ou reagir ao prazer sexual (Barreto *et al.*, 2018). Salienta-se ainda que, a disfunção sexual pode ser provocada por diversos fatores, que incluem os biológicos (como o uso de contraceptivos hormonais); demográficos (idade e nível educacional); psicológicos (como ansiedade e depressão); socioculturais (como a religião) e os fisiopatológicos (agravos causados por comorbidades como hipertensão e diabetes) (Butt *et al.*, 2019). Adicionalmente, a baixa autoestima, medo, experiências traumáticas, histórico de abuso, distúrbios de percepção da imagem corporal, consumo de álcool e drogas ilícitas, doenças crônicas e falta de conhecimento a respeito da sexualidade, contribuem para a ocorrência da disfunção (Purificação *et al.*, 2021).

Considera-se que, apesar dos avanços e conquistas das mulheres no que tange ao seu empoderamento na vivência da sexualidade, esse assunto é pertinente e atual, uma vez que muitas delas ainda encontram dificuldades e preconceitos na expressão da sua sexualidade. Este estudo teve como objetivo identificar a ocorrência de disfunção sexual entre graduandas de enfermagem em uso de contraceptivos hormonais orais e analisar, entre os domínios da função sexual, aqueles com menores escores. Os resultados do presente estudo podem corroborar para uma melhor compreensão da função sexual em mulheres jovens em uso de contraceptivos orais, podendo contribuir com o delineamento de estratégias de cuidado e atenção à saúde sexual dessa clientela.

Método

Estudo descritivo, exploratório e de corte transversal, realizado em uma amostra de conveniência de alunas de graduação em enfermagem de uma universidade pública no interior do estado de São Paulo.

Foram incluídas mulheres jovens, de 18 a 24 anos, com vida sexual ativa e em uso de contraceptivos hormonais orais há pelo menos seis meses. Foram excluídas as graduandas que estivessem gestantes ou amamentando no período da coleta dos dados. A faixa etária de mulheres jovens para este estudo é a proposta pela OMS, que define juventude dos 15 aos 24 anos, sendo subdividido em adolescentes jovens (15 a 19 anos) e adultos jovens (20 a 24 anos), (Brasil, 2007). O tempo de, pelo menos, seis meses de uso do método anticoncepcional se justifica para as mulheres adaptadas a esse método, além de reduzir o risco de viés de memória e pela obtenção de dados representativos do comportamento sexual delas.

O recrutamento das participantes aconteceu nos meses de agosto e setembro de 2022, na forma de convite, a partir de abordagem pessoal nas dependências da universidade, nos intervalos das aulas e de abordagem *on-line*, realizada via grupos do aplicativo de mensagem instantânea *Whatsapp*.

As estudantes que aceitaram participar responderam ao formulário *on-line* contendo dois questionários, um para caracterização sociodemográfica e o Quociente sexual - versão feminina (QS-F). O questionário de caracterização sociodemográfica continha dados como idade, ano da graduação, situação conjugal, orientação sexual, idade da sexarca, tipo e frequência de atividade sexual e número de parcerias nos últimos seis meses, além do tempo de uso do método anticoncepcional.

O questionário QS-F foi desenvolvido e validado para a população brasileira. Trata-se de um instrumento autoaplicável, baseado nos últimos seis meses da vida sexual da mulher e que avalia o desempenho e a satisfação sexual feminina, de forma geral, por meio da soma dos escores, ou cada domínio, considerando as questões individualmente e os diferentes aspectos avaliados (Abdo, 2009).

O QS-F contém 10 questões, com escala do tipo Likert de cinco pontos, distribuídas em cinco domínios: desejo e interesse sexual (questões 1, 2 e 8); preliminares (questão 3); excitação pessoal e sintonia com o parceiro/parceria (questões 4 e 5), conforto (questões 6 e 7), orgasmo e satisfação (questões 9 a 10). A pontuação do padrão de desempenho sexual é de 82-100 pontos = bom a excelente; de 62- 80 pontos = regular a bom; 42-60 pontos = desfavorável a regular; 22-40 pontos = ruim a desfavorável; 0-20 pontos = nulo a ruim (Abdo, 2009).

Os dados foram transportados para planilha do Excel e tratados no programa estatístico *Statistical Package of Social Science (SPSS)*, versão 22.0. As análises dos dados foram descritas em frequências absolutas, porcentagens, médias e desvios-padrão. Para a análise do QS-F, foi calculado o escore de acordo com as orientações da autora (Abdo, 2009), que também estabeleceu um ponto de corte, a saber: escores igual ou inferior a 47: mulheres com disfunção sexual; entre 48 e 83: indicação para rastreamento de disfunção sexual; igual ou superior a 84: mulheres sem disfunção sexual. Quanto maiores os valores dos escores de cada uma das 10 questões e do escore final, melhor o desempenho/satisfação sexual da mulher.

Este estudo foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos e foi realizado segundo as diretrizes e normas de pesquisas envolvendo seres humanos, regulamentadas pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde (CAAE: 59381022.7.0000.5393 e parecer número 5.561.652 de 2022). Todas as participantes manifestaram sua concordância assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados

Das 61 participantes, 65,6% estavam na faixa etária dos 21 a 24 anos (média de 21,6 anos e DP= 1,5 anos), 54,1% eram solteiras e 72,1% se autodeclararam brancas. A maioria (63,9%) das participantes era procedente de outras cidades do Estado de São Paulo, 86,9% não eram tabagistas e não apresentavam comorbidades (54,1%). As participantes tinham a opção de informar mais de uma comorbidade (Tabela I).

Tabela 1 - Distribuição das participantes segundo idade, procedência, cor autorreferida, estado civil, tabagismo e comorbidades. Ribeirão Preto – SP, 2023 (n=61)

Variáveis	N	%
Idade (anos)		
≤ 20	21	34,4
21 a 24	40	65,6
Procedência		
Ribeirão Preto	20	32,8
Outras cidades do Estado de São Paulo	39	63,9
Cidades do Estado de Minas Gerais	2	3,3
Cor autorreferida		
Branca	44	72,1
Preta	4	6,6
Parda	13	21,3
Estado civil		
Solteira	33	54,1
Relacionamento estável	28	45,9
Uso de tabaco		
Tabagista	8	13,1
Não tabagista	53	86,9
Comorbidades*		
Sem comorbidades	33	54,1
Ansiedade	14	22,9
Depressão	4	6,5
Síndrome do ovário policístico	2	3,3
Cardiopatia	2	3,3
Outras**	6	9,9

Fonte: Elaborada pelas autoras, Ribeirão Preto, 2023. Legenda: **Outras- bronquite, alergia, hipertireoidismo, transtorno obsessivo compulsivo, pneumopatia e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.

Em relação ao histórico sexual e reprodutivo das participantes, todas eram nuligestas, 98,4% tinham menos de 20 anos quando tiveram sua primeira relação sexual, 80,3% se declararam heterossexuais e 93,4% tiveram relação sexual nos últimos seis meses. Quanto à utilização de métodos contraceptivos, 44,3% faziam uso de contraceptivo hormonal oral há mais de cinco anos e 75,4% das entrevistadas associavam esse método ao uso de preservativo externo (Tabela 2).

Tabela 2 - Distribuição das participantes segundo idade na primeira relação sexual, orientação sexual, relação sexual, tempo de uso de contraceptivo hormonal oral, associação a outros métodos contraceptivos e paridade. Ribeirão Preto – SP, 2023 (n=61)

Variável	N	%
Idade na primeira relação sexual (anos)		
≤20	60	98,4
>20	1	1,6
Orientação sexual		
Heterossexual	49	80,3
Bissexual	12	19,7
Relação sexual nos últimos 6 meses		
Sim	57	93,4
Não	4	6,6
Associação de outros métodos contraceptivos		
Preservativo externo	46	75,4
Preservativo interno	3	4,9
Nenhum	12	15,6
Tempo de uso de contraceptivo hormonal oral		
Menos de 1 ano	13	21,3
Entre 1 e 5 anos	21	34,4
Mais do que 5 anos	27	44,3

Fonte: Elaborada pelas autoras, Ribeirão Preto, 2023.

Em relação aos domínios da atividade sexual da mulher, 36,1% das participantes referiram sempre pensar em sexo espontaneamente, 36,1% referiram interesse por sexo para participar da relação sexual com vontade na maioria das vezes e sempre. No que diz respeito ao “estímulo para o sexo conforme excitação do parceiro”, 47,54% das entrevistadas afirmaram “sempre” como resposta. A maior parte das entrevistadas (63,9%) referiu que sempre são estimuladas com preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos etc.) para continuar a relação sexual. No quesito lubrificação, 49,1% das mulheres afirmaram que na maioria das vezes apresentam lubrificação satisfatória durante a relação sexual (Tabela 3).

Quanto ao relaxamento vaginal para o ato sexual, 36,1% das entrevistadas referiram que sempre relaxam e 34,4% relataram que na maioria das vezes apresentavam envolvimento sem se distrair durante a relação sexual. Com relação ao orgasmo, 37,7% das entrevistadas afirmaram alcançar o prazer máximo durante as relações sexuais, 32,8% referiram grau de satisfação suficiente com a relação sexual para fazer sexo outras vezes em outros dias. Entretanto, 42,6% relataram dor durante as relações (Tabela 3).

Tabela 3 - Respostas das participantes ao questionário QS-F relacionadas aos domínios desejo e interesse sexual; preliminares; excitação pessoal e sintonia com o parceiro; conforto; orgasmo e satisfação. Ribeirão Preto – SP, 2023 (n=61)

Questões	N	%	P *
Costume de pensar espontaneamente em sexo, lembrar de sexo ou se imaginar fazendo sexo			0,164
Nunca	1	1,6	
Raramente	6	9,8	
Às vezes	17	27,9	
Aproximadamente 50% das vezes	17	27,9	
A maioria das vezes	12	19,7	
Sempre	8	13,1	
Suficiente interesse por sexo para participar da relação sexual com vontade			0,833
Raramente	3	4,9	
Às vezes	6	9,8	
Aproximadamente 50% das vezes	8	13,1	
A maioria das vezes	22	36,1	
Sempre	22	36,1	
Estímulo das preliminares (carícias, beijos, abraços, afagos etc.) para continuar a relação sexual			0,160
Às vezes	1	1,6	
Aproximadamente 50% das vezes	2	3,3	
A maioria das vezes	19	31,1	
Sempre	39	63,9	
Lubrificação durante a relação sexual			0,923
Raramente	1	1,6	
Às vezes	2	3,3	
Aproximadamente 50% das vezes	11	18	
A maioria das vezes	30	49,1	
Sempre	17	27,9	
Estímulo para o sexo conforme excitação do parceiro			0,408
Às vezes	4	6,55	
Aproximadamente 50% das vezes	2	3,3	
A maioria das vezes	26	42,6	
Sempre	29	47,5	
Relaxamento suficiente da vagina durante o ato sexual para facilitar entrada do pênis			0,180
Raramente	2	3,3	
Às vezes	4	6,55	
Aproximadamente 50% das vezes	12	19,7	
A maioria das vezes	21	34,4	
Sempre	22	36,1	

Dor durante a penetração do pênis na vagina			0,505
Nunca	10	16,4	
Raramente	26	42,6	
Às vezes	10	16,4	
Aproximadamente 50% das vezes	4	6,55	
A maioria das vezes	7	11,5	
Sempre	4	6,55	
Consegue se envolver, sem se distrair			0,335
Raramente	10	16,4	
Às vezes	8	13,1	
Aproximadamente 50% das vezes	16	26,2	
A maioria das vezes	21	34,4	
Sempre	6	9,8	
Orgasmo (prazer máximo) durante as relações sexuais realizadas			0,801
Nunca	5	8,2	
Raramente	7	11,5	
Às vezes	8	13,1	
Aproximadamente 50% das vezes	11	18	
A maioria das vezes	23	37,7	
Sempre	7	11,5	
Suficiência do grau de satisfação conseguido com a relação sexual para fazer sexo outras vezes em outros dias			0,052
Raramente	1	1,6	
Às vezes	6	9,8	
Aproximadamente 50% das vezes	11	18	
A maioria das vezes	23	37,7	
Sempre	20	32,8	

Fonte: Elaborada pelas autoras, Ribeirão Preto, 2023.

Após os cálculos dos escores do questionário QS-F, foi possível classificar o desempenho sexual das participantes, 34,4% apresentaram desempenho sexual entre bom e excelente, 47,5% de regular a bom, 16,4% de desfavorável a regular e somente uma participante apresentou resultado ruim (Tabela 4). As questões que apresentaram baixas pontuações foram acerca do desejo e interesse sexual, conforto, orgasmo e satisfação, o que indica que 18% das participantes caracteriza-se como aptas ao rastreamento de disfunção sexual feminina.

Tabela 4 - Classificação da análise de desempenho sexual das participantes. Ribeirão Preto – SP, 2023 (n=61)

Análise de desempenho sexual	Idade ≤20	>20	Total
	N (%)	N (%)	N (%)
Bom a excelente (82-100 pontos)	6 (27,3)	15 (38,5)	21 (34,4)
Regular a bom (62-81 pontos)	13 (59,1)	16 (41)	29 (47,5)
Desfavorável a regular (42-61 pontos)	2 (9,1)	8 (20,5)	10 (16,4)
Ruim a desfavorável (22-41 pontos)	1 (4,5)	0 (0)	1 (1,6)

Teste exato de Fisher $p=0,227$

Fonte: Elaborada pelas autoras, Ribeirão Preto, 2023.

Discussão

De acordo com a *European Society for Sexual Medicine*, os efeitos dos anticoncepcionais orais na função sexual ainda não foram completamente esclarecidos, apresentando resultados controversos (Both *et al.*, 2019). Uma pesquisa revelou que mulheres com níveis mais altos de testosterona exibiram melhor função sexual, mas não aquelas que utilizavam contraceptivos hormonais (Maseroli; Vignozzi, 2022). O presente estudo não demonstrou resultados estatisticamente significantes, contudo, as respostas das participantes sugerem que esta temática é um importante tópico de investigação.

Ademais, é crucial considerar que a sexualidade feminina vai além dos aspectos biológicos, envolvendo

também os relacionamentos, as parcerias, idade e fatores psicossociais (Nowosielski; Sidorowicz, 2020). Na atual pesquisa, não foi possível identificar resultados estatisticamente significantes que comprovassem a relação do desempenho sexual com o estado civil, vida sexual e idade. Assim como em outra pesquisa, realizada na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que teve como objetivo associar a satisfação sexual de mulheres sexualmente ativas. Foram incluídas 66 mulheres saudáveis, com idade entre 19 e 50, que apresentavam vida sexual ativa nos últimos seis meses; os resultados também não apresentaram diferença significativa quanto ao desempenho sexual das participantes (Souza; Fernandes; Sandoval, 2016).

No quesito orientação sexual, a maioria das participantes se declararam heterossexuais, não sendo possível avaliar se esse foi fator de interferência na satisfação sexual. Entretanto, estudo realizado com 105 mulheres maiores de 18 anos, no Hospital Universitário da Universidade Federal de Sergipe (UFS), em que 35 mulheres faziam sexo com outras mulheres (MSM) e 70 mulheres que se relacionam sexualmente com homens (MSH), teve como objetivo verificar se havia diferença na prevalência de disfunção sexual entre elas. Os autores concluíram que o único domínio com divergência relevante foi o desejo, que se apresentou maior no grupo MSM, e os demais não apresentaram diferença significativa e não houve relação expressiva entre orientação sexual e disfunção sexual (Souza; Prado; Barreto, 2018).

Com relação às comorbidades, as participantes deste estudo apresentavam ansiedade (22,9%) e depressão (6,5%), e não foi possível relacionar com disfunção sexual, mas estudos sugerem que são diagnósticos que merecem atenção. Dados apontados por estudo realizado nos Estados Unidos da América, no qual recrutaram 140 estudantes do curso de Psicologia da Universidade de Indianápolis, Indiana (IUPUI), para responder a questionários *on-line*, com o objetivo de validar a hipótese da relação da disfunção sexual e a depressão, mostraram que os níveis de sintomas depressivos eram mais altos no grupo de mulheres com disfunção sexual, em comparação ao grupo sem disfunção ($r = 0,25$; $df = 102$; $p < 0,05$), (Stout *et al.*, 2018).

Dados corroborados em estudo de revisão sistemática e meta-análise, que teve o objetivo de estimar a prevalência de disfunção sexual em indivíduos com transtornos depressivos sem tratamento farmacológico, concluíram que 82,75% das mulheres com depressão apresentavam disfunção sexual, isso expressa significativo prejuízo de várias funções no TDM, tornando importante a avaliação sistemática dessas alterações pelos profissionais de saúde (Gonçalves, 2022).

Além da depressão, a ansiedade também pode ser considerada como um fator de risco para a disfunção sexual, sendo observado que os transtornos de ansiedade foram relevantes para a diminuição do desejo sexual e excitação, além de dificuldades em alcançar o orgasmo e presença de dor sexual (Basson; Gilks, 2018). Os transtornos de ansiedade também foram observados em estudo realizado em um hospital universitário terciário em Bhopal, na Índia, com 27 mulheres com Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) e 100 controles pareados com faixa etária de 18 a 45 anos. Todos os escores de domínio do FSFI foram significativamente menores entre os casos de TAG, em comparação com os controles saudáveis (desejo, excitação, orgasmo, satisfação, dor) e 85,18% das mulheres com TAG apresentaram disfunção sexual, quando comparados aos 38% nos controles saudáveis (Shringirishi; Gurnani; Kumar, 2020).

No presente estudo, a partir da aplicação do questionário QS-F, 47,5% das participantes apresentaram desempenho sexual de regular a bom e 34,4% expressaram desempenho bom a excelente. Esses dados diferem de estudo que investigou a disfunção sexual em 111 mulheres jovens universitárias, em uma universidade pública na capital baiana, e observou que 51% delas apresentavam desempenho sexual de bom a excelente (Purificação; Santos; Ferraz, 2021). Também diferiram de outro estudo com objetivo semelhante e que foi realizado com 62 estudantes de uma universidade particular em Santos, com idade entre 20 e 30 anos, sendo que 50,2% delas apresentaram desempenho sexual de bom a excelente e 40,8% de regular a bom (Siqueira *et al.*, 2020).

No quesito dor, os resultados do presente estudo mostram que apenas 1,6% das participantes nunca sentiram dor durante a penetração. Além disso, de acordo com estudo brasileiro, 17,8% das mulheres referem dor na relação sexual. A dor pélvica acomete 30% das mulheres com vida sexual ativa, dessas, 50% apresentam dispareunia, que pode possuir diversas classificações, a depender da característica da dor referida (Matthes, 2019).

O estudo apresenta limitações como o número de participantes, a falta de um grupo controle e a não

investigação do uso de outros tipos de anticoncepcionais hormonais, como os injetáveis. No entanto, o estudo demonstrou que parcela expressiva de mulheres jovens (65,6%) em uso de ACO apresentavam indícios para o rastreamento de disfunção sexual feminina, o que corrobora para a necessidade de um olhar diferenciado para essa população.

Considerações finais

De acordo com a classificação de disfunção sexual com a aplicação do QS-F, o número de participantes com disfunção sexual expressa um resultado pequeno. Entretanto, verificou-se que a maioria das participantes possui pontuação suficiente para rastreamento de disfunção sexual feminina, isso pode estar relacionado ao uso de ACO. Dados que não permitem confirmar ou refutar a hipótese que o uso de ACO interfere na função sexual.

É importante que as mulheres compreendam sua sexualidade, percebam o desempenho sexual e reconheçam se esse pode ser considerado satisfatório. Reconhecer possíveis disfunções sexuais pode auxiliar as mulheres a expressarem suas dificuldades e/ou desejos para uma vida sexual mais satisfatória. Considerando ainda que a sexualidade feminina representa um tema de significativa relevância, visto que os fatores envolvidos na presença de disfunções sexuais impactam diretamente na qualidade de vida e autoestima da mulher.

Referências

- ABDO, C. H. N. Quociente sexual feminino: um questionário brasileiro para avaliar a atividade sexual da mulher. *Diagn. Tratamento*, v. 14, n. 2, p. 89-91, 2009. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BARRETO, K. L. *et al.* Resistance training of pelvic floor muscle and its effects on female sexual dysfunction. *Motricidade*, v. 14, n. 1, p. 424-427, 2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/dccf16be2e1add969763a70f540216ba/1?pq-origsite=gscholar>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BASSON, R.; GILKS, T. Women's sexual dysfunction associated with psychiatric disorders and their treatment. *Womens Health*, v. 14, p. 1745506518762664, 2018. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5900810/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BOTH, S. *et al.* Hormonal contraception and female sexuality: position statements from the European Society of Sexual Medicine (ESSM). *Journal of Sexual Medicine*, v. 16, n. 11, p. 1681-1695, 2019. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31521571/>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. *Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acesso em: 21 ago. 2024.
- BUTT, M. R. *et al.* Prevalence of and factors associated with female sexual dysfunction among women using hormonal and non-hormonal contraception at the AGA Khan University Hospital Nairobi. *African Journal of Primary Health Care & Family Medicine*, v. 11, n. 1, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/phcfm.v11i1.1955>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- GONÇALVES, W.S. *et al.* Prevalence of sexual dysfunction in depressive and persistent depressive disorders: a systematic review and meta-analysis. *Int J Impot Res*, v. 35, p. 340-349, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41443-022-00539-7>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- MASEROLI, E.; VIGNO, L. Are endogenous androgens linked to female sexual function? a systemic review and meta-analysis. *J Sex Med*, v. 19, n. 4, p. 553-568, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2022.01.515>. Acesso em: 21 ago. 2024.
- NOWOSIELSKI, K. Do oral combined contraceptive pills modify body image and sexual function?

Reproductive Biology and Endocrinology, v. 20, p. 94, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12958-022-00968-5>. Acesso em: 21 ago. 2024.

NOWOSIELSKI, K.; SIDOROWICZ, M. Sexual behaviors and function during menopausal transition: does menopausal hormonal therapy play a role? *Menopause*, v. 28, n. 3, p. 271–283, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1097/GME.0000000000001693>. Acesso em: 21 ago. 2024.

OMS. *Saúde sexual, direitos humanos e a lei*. Porto Alegre: UFRGS, 2020. E-book. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9786586232363-por.pdf?ua=1>. Acesso em: 21 ago. 2024.

PURIFICAÇÃO, E. R.; SANTOS, A. A. A.; FERRAZ, D. D. Disfunções sexuais em mulheres jovens universitárias: estudo transversal. *Revista Pesquisa Fisioterapia*, v. 11, n. 2, p. 307-319, 2021. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/3612>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ROSENBAUM, S. D. G.; SABBAG, S. P. Questionamentos contemporâneos sobre a sexualidade feminina: considerações a respeito dos aspectos culturais, sociais, biológicos e emocionais. *JHM Review*, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://uakari.org.br/ijhmreview/article/view/192>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SHRINGIRISHI, M.; GURNANI, K.C.; KUMAR, M. Female sexual dysfunction in generalized anxiety disorder. *IP Indian Journal of Neurosciences*, v. 6, n. 3, p. 192-196, 2020. Disponível em: <https://www.ijnonline.org/html-article/12201>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SIQUEIRA, L. A. et al. Perfil da satisfação sexual feminina de jovens universitárias. *Unisanta Health Science*, v. 4, n. 1, p. 60-70, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisanta.br/index.php/hea/article/view/2530/1933>. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOUZA, F. O. et al. Análise da satisfação sexual feminina de jovens e adultas: Estudo Transversal. *Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás Cândido Santiago*, v. 2, n. 1, p. 35–47, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22491/2447-3405.2016.V2N1.art05> Disponível em: www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/27. Acesso em: 21 ago. 2024.

SOUZA, L. F.; PRADO, D. S.; BARRETO, I. D. C. Disfunção sexual em mulheres que fazem sexo com mulheres. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29, n. 2, p. 28-35, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i2.55>. Acesso em: 21 ago. 2024.

STOUT, M. E. et al. Loneliness Mediates the Relationship Between Pain During Intercourse and Depressive Symptoms Among Young Women. *Archives of Sexual Behavior*, v. 47, n. 6, p. 1687–1696, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1138-7>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TOZO, I.M. et al. Disfunção sexual feminina: a importância do conhecimento e do diagnóstico pelo ginecologista. *Revista Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, v. 52, n. 3, p. 94–99, 2018. Disponível em: <https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/447>. Acesso em: 21 ago. 2024.

TRINDADE, R. E. et al. Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 3493–3504, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.2.24332019>. Acesso em: 21 ago. 2024.

Recebido em: 01/12/2023

Aprovado em: 09/08/2024